NOTAS

* *Poemas Portugueses — Antologia da Poesia Portuguesa do Séc. XIII ao Séc. XXI*, sel., org., introd. e notas de Rui Lage e Jorge Reis-Sá, Porto, Porto Editora, 2009.

[1] *In* Enric Sullà (org.), *El canon literario*, Madrid, Arco/Libros, 1998, p. 58.

BIBLIOGRAFIA

NASCIMENTO, Cabral do, *Poesia Portuguesa do Século XII a 1915*, Lisboa, Verbo, col. Biblioteca Breve, 1972.

MONTEIRO, Adolfo Casais, *A Poesia da Presença. Estudo e Antologia*, org. e pref. Osvaldo Manuel Silvestre, Lisboa, Cotovia, 2003.

SENA, Jorge de, *Líricas Portuguesas*, 2 vols., Lisboa, Edições 70, 1984.

SERRA, Pedro; Osvaldo Manuel Silvestre, *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Braga/Coimbra/Lisboa, Angelus Novus & Cotovia, 2002.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *Antologia da Poesia Portuguesa*, 2 vols., Porto, Lello & Irmão Editores, 1977.

CARTAS DE ANTERO DE QUENTAL

Que faz a carta senão gerar a ilusão de presença, eco de uma voz recriada no silêncio de uma leitura muda? De algum modo, engana a ausência, tornando próximos os ausentes, como salientava Cícero, partindo, em geral, de uma solidão dupla que, amiúde, se deseja preservar: enquanto o outro fica isolado no papel de destinatário, quem escreve processa uma ruptura. Escreve-se porque se está só, o que não significa que a comunicação seja efectiva, desenrolando em pensamento, na suposição de um diálogo, o fio imaginário da memória dos dias decorridos; daí as eventuais analogias com o texto diarístico ou memorialístico. A possibilidade da existência de um leitor, ainda que simbólico, estabelece aquilo que Philippe Hamon entende por um pacto de comunicação, mais ou menos implícito, entre quem escreve e quem lê.

Para Antero de Quental (1842-1891), o género epistolar foi um lugar geográfico soberano (invadido por tantos outros) de uma biografia incumprida, o que, de imediato, levanta a questão de saber em que consiste essa unidade descontínua daquilo que designamos por obra. Será que tudo o que um autor escreveu o é, correspondência incluída? O estabelecer desses parâmetros dir-se-ia também tarefa de quem investiga um espólio, tentando salvaguardá-lo de um eventual desaparecimento, questão que, desde Mallarmé, tem vindo a ser pensada e repensada e que Foucault abordou tendo em conta o manancial de lacunas e fissuras, por onde se perscrutam espaços, que toda a escrita possui.

Cinjamo-nos, então, ao epistolário de Antero, que agora surge na sua quarta edição*, exaustiva e rigorosamente tratado, desde os anos 80, pela investigadora Ana Maria Almeida Martins, autora da fotobiografia[1] e fiel anteriana. Como na publicação anterior[2], segue-se a ordem cronológica, e actualiza-se a ortografia no que se considerou necessário para melhor compreensão do texto. Assinale-se a manutenção da pontuação, mesmo quando desafia as regras estabelecidas, bem como o respeito pelas idiossincrasias ortográficas. Cada volume fecha com a relação das cartas — onde se menciona, para além do nome do destinatário, o local e a data, autógrafa ou atribuída, a existência do original (manuscrito ou cópia) e, sempre que possível, a localização actual, assim como a primeira edição. A sequência de índices dos tomos aditados ao final do volume III — onomástico, geográfico-toponímico e analítico — reúne informação imprescindível a qualquer investigador atento.

Acrescem a este novo tratamento da correspondência 53 cartas, somando 757, para além de algumas inéditas e de outras publicadas em livros, jornais e revistas. Esse aumento deve-se sobretudo à inclusão de 29 missivas destinadas a Oliveira Martins, apresentadas por Lúcio

Craveiro da Silva, em 1996, que não só sublinham uma amizade cingida por um férreo sentido crítico como uma generosidade e uma admiração ímpares entre ambos: «Estes sujeitos ficam com caras de tolos quando lhes digo que Você é o único homem *a valer*, que temos hoje nesta pobre terra» (II, p. 174-6); ou, em epístola dirigida a Sebastião Arruda da Costa Botelho: «O Martins é hoje o único escritor verdadeiramente superior que há em Portugal» (II, p. 426). Num outro momento, em elogio rasgado a *Portugal e o Socialismo*, escreverá: «Estou encantado, pasmado, satisfeito, glorioso, aturdido, regalado, aterrado! Vê que começo esta carta no estilo triunfal de Madame de Sévigné, e o caso é para isso» (I, p. 320-5).

No domínio literário, Antero é, para com Oliveira Martins, de uma implacável exigência, aconselhando-o, apontando defeitos, varrendo o que considera defeituoso na prosa do amigo: «Você quer *pintar*, mas não tem a paciência dos pintores. Daqui resulta que repete certos efeitos e põe 3 adjectivos que não pintam em vez dum só, o bom, que pintaria. Cai na redundância. Quanto a incorrecções notei umas 50, que tenho apontadas para fazermos juntos as correcções» (II, p. 256-7). Na notável carta sobre a moral religiosa entre os Gregos[3], o ensaísta em nada poupa o autor de *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, considerando que Oliveira Martins não só atribuía ao espírito socrático uma inactividade e um passivismo mórbidos como tinha uma ideia falsa e monstruosa do mundo moral grego anterior ao movimento do século V, ao «confundir a religiosidade dos espiritualistas com a embriaguez orgiástica»: «Tanto vale dizer que um mesmo espírito se revela na *Imitação de Cristo* e na devoção carnal do *Sacré-Cœur*, ou que entre o Renan e os padres Grainhas há só uma diferença de temperamentos e de cultura intelectual» (I, p. 449-57).

Nesta frase adivinha-se, desde logo, uma constante da correspondência: Antero era um leitor compulsivo que não cessou de aprofundar a sua cultura no domínio da análise racional dos fenómenos religiosos, complementando o saber literário com o filosófico e o místico: «Considero-o [Francisco de Assis] como o primeiro dos precursores do espírito moderno, digo, o espírito moderno representado por Bruno, Schelling e Hartmann, do Panteísmo espiritualista» (III, p. 37-9), escreve a Tommaso Cannizzaro. Na verdade, deixou-se inspirar pelo pensamento de Eduard von Hartmann, que encontrava uma explicação para os fenómenos da natureza na tese de um inconsciente criador do mundo, porque incondicionado, elemento activo e cego análogo à ideia absoluta de Hegel e à vontade absoluta de Schopenhauer.

Apesar da soturnidade, Antero acreditava na possibilidade de transformação do pessimismo em optimismo activo. Escreve a Oliveira

Martins: «O pessimismo só seria salvador se fosse [...] completo, caminhando-se através dele para uma espécie de optimismo transcendente, para a serenidade na perfeita convicção da insuficiência da vida fenomenal», acrescentando que «o homem desarmado das suas ilusões espiritualistas desespera perante a sua natureza atroz» (III, p. 273-4). Mas, para isso, haveria que regressar a um monaquismo, ao qual, na sua opinião — a de um cristão —, a sociedade não se ajustaria: «Seria necessário criar símbolos, que falassem à imaginação, e representar sensivelmente para as multidões as puras ideias. Mas isso é que já não é possível. Um grande achatamento, no fim de tudo, exprimindo o cansaço de tudo e até do próprio pessimismo, parece-me a conclusão mais provável» (*ibid.*).

Antero era conhecedor dos alicerces judaicos do cristianismo e da evolução das comunidades cristãs primitivas, sendo o seu trabalho ensaístico e epistolar também atravessado pelo pensar da sociologia das religiões e da história das ideias: «Todas as vezes que a alma humana, sufocada pelo abraço bestial da natureza, se tem visto em perigo de morrer, não lhe tem valido nem a paixão nem a luta ruidosa e dramática, mas só o desprezo, a abstinência, a contemplação. Esta é que é a base das religiões como das filosofias; e Cristo e Buda vão nisto (que é o essencial) de acordo com Sócrates e Epitecto» (I, p. 98-100). E se, na correspondência com Oliveira Martins, fica exposto o pensamento político do autor de *O Sentimento da Imortalidade* — influenciado por um utopista social e um místico profano como Proudhon —, esboça-se também o retrato de uma indestrutível inquietude metafísica dualista, pintada a claro-escuro, aliada a uma desadaptação relacionada com aquilo que o autor considerava os males da existência e o «Portugalório» de então, povoado por rudes e broncos lusitanos.

Neste plano, Antero pouco ou nada tem a ver com Eça ou Oliveira Martins. Os dois prosadores adaptaram-se, cada um à sua maneira, ao «país real», nenhum deles atingindo o centro do pensamento de Schopenhauer — tão pouco lido ao tempo entre nós — como este poeta de matriz romântica que muitas vezes rondou «a impassibilidade interior dos fatalistas» (I, p. 249-51) e acabou por se entregar *heroicamente* à «morte libertadora», que *sempre o pior mal foi o de ter nascido*. Nunca se alheou, porém, mesmo na desolação, daquilo que considerava ser um comportamento recto pelo qual guiava igualmente o trabalho. Di-lo, em nome da harmonia e da ponderação natural das coisas, a Jaime de Magalhães Lima: «é que não está tudo em sermos caridosos com os outros: é necessário sê-lo também para com nós mesmos», concluindo em seguida: «A justiça perfeita para com os outros chama-se caridade; a justiça perfeita para com nós mesmos chama-se humildade» (III, p. 78-9).

Ler a correspondência do autor de *Sonetos,* sabendo que o número de cartas aumentou para 757, passa não só pelo esboço do perfil de um poeta-pensador, homem político e ardente polemista, com uma presença histórico-literária indiscutível na cultura portuguesa, mas também pelo desocultar de um lugar outro em que o escritor sobrevém enquanto ser humano. Aberto, desde muito cedo, a um processo de autoconhecimento — «crente no invisível, insondável, no que não é esta miserável existência real» (II, p. 365-7) —, Antero, desprendido de si, entendia a tristeza como um bem: «Eleva. É muitas vezes, em começo, a entrada para uma esfera superior» (II, p. 468-9).

Mas deixemos o homem político, «revolucionário e racionalista», ser pensante dividido entre a inércia e a acção, o dos «Manifestos ao país»[4], pertencente a uma das mais brilhantes gerações intelectuais portuguesas, a Geração de 70; o ser humano, de sólida cultura europeia, incapaz de lidar com os «mesmos problemas insolúveis», a braços com a incapacidade de fixar o seu «*credo* filosófico» (II, p. 317-8) e que tentava compensar o temperamento exacerbado com uma severidade plúmbea. Relembre-se, porém, e, porque nas cartas se pressentem, o orador e o amante discreto de paixões várias[5], que lutou pela educação das mulheres; reconheça-se o seu gosto de viver, mesmo na dilaceração de uma natureza tão vibrante e especulativa quanto estóica, a incisiva e certeira ironia, tão pouco portuguesa, ele que, não obstante a inércia paralisante, tinha o prazer da boa mesa e se fosse preciso não hesitava, como conta Eça, em ferrar um murro no mais destemido provocador.

Orientemo-nos a partir de um outro fio deste labirinto, que nos remete para um Antero virtuoso e bondoso, homem de confortos doados, debatendo-se com as contradições entre uma alma racional e outra, mais verdadeira, vendo as imagens míticas tornarem-se místicas. Pois não viajou da descontinuidade dos *Analectos*, de Confúcio, aos Evangelhos, da ciência à teologia, da Grécia antiga a uma Europa moderna a que acrescentava as exigências espirituais de um ideal socialista e a que não era alheio o pensamento de Lutero? Quantas vezes, ao escrever, recriando o que lia, não terá ocultado a sua escuridade movediça, circundado por nuvens e névoa, incitado, e embebido na filosofia de Hegel, em sentidos contrários, desvanecido perante esse «Deus progressivo» a sair da imobilidade do símbolo, fazendo-se vida, ele que considerava Sócrates irmão de Jesus e assim se interrogava, não sem erosão crítica: «Que somos nós senão uma forma visível da essência infinita», «uma vibração do movimento eterno», «uma fase da Lei do *todo*, chamada aqui lei humana mas a mesma no ser, com igual fim, igual origem, que nos determina e de que vivemos?»[6]

Como demonstra a correspondência, o Antero maior era o prosador (tanto no ensaio como nas cartas), estóico e poético, e ele próprio o sabia, jamais tendo acreditado que pudesse ser compreendido, admitindo mesmo, na missiva a Wilhelm Storck, que os *Sonetos* são «uma espécie de autobiografia de um pensamento e como que as memórias de uma consciência» (III, p. 91-100). Escreve a Oliveira Martins, a propósito de *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*[7]: «Essa [a filosofia], infelizmente, desisto de a expor porque está acima das minhas forças fazê-lo — e depois ninguém me entenderia» (III, p. 268-70). Envolvido na demanda do Bem (associada ao amor do estudo), como refere em epístola a Fernando Leal, teve consciência de que não iria ter tempo nem condições psíquicas para prosseguir com a estruturação de um edifício em torno daquilo que chamou Ideia Pura: «Creia que a vida não vale senão por esse lado, pelo bem que se faz, seja de que ordem for» (III, p. 56-7).

É sabido que o poeta destruía quantos papéis lhe viessem às mãos, nem os próprios livros guardava, usando de um esmero invulgar na sua prosa de ideias, grandiloquente na juventude, mais tarde despojada no que não chegou a ser o envelhecimento. Conta Ana Maria Almeida Martins, na introdução, que o escasso número de cartas conhecidas salvou-se por ter ficado, entre outra documentação, na posse dos amigos, que não os destinatários, ou porque existem cópias conservadas pelos remetentes (I, p. 19), caso de Jaime Batalha Reis ou de duas ou três de Oliveira Martins, enviadas por Antero a João de Deus e que este último guardou. Refiram-se, entre outras, não valorizando a correspondência de menor ou nulo valor literário (bilhetes, cartões de visita, postais), algumas das mais significativas missivas do espólio: as dirigidas a Jaime de Magalhães Lima, Alberto Sampaio, António de Azevedo Castelo Branco, João Lobo de Moura, Teófilo Braga, Carolina Michaëlis, Wilhelm Storck (a quem endereça a célebre carta autobiográfica), Germano Meireles, João de Deus, João Machado de Faria e Maia, a Jaime Batalha Reis e à irmã Ana de Quental.

Trágico ou exaltante, Antero, enquanto admirável epistológrafo, trava, nestas cartas, um combate de vida ou de morte entre o saber e o desconhecido, consciente de que o vulcão lateja sob a cinza e que, tão à maneira de Nietzsche, o poeta não caminha, dança, não fala, canta num «sentimento vivo e alado», de «imaginação caprichosa e profunda», em «contemplação intensa do vasto universo e da própria alma, universo mais vasto ainda no seu mistério» (III, p. 248-50). Perturbado com a ideia da redução do ser humano a um estado de ser paleontológico, entendia, hegelianamente, o conhecimento como uma via em direcção ao Absoluto, considerando que no fundo do verdadeiro

poeta há um crente e que a virtude pode bem mais do que a arte. Poesia e filosofia foram, no entanto, quase sempre consolação. Impacientou-se, porém, e partiu, oculto de si, em direcção àquilo que considerava ser a harmonia divina, o Nada, fundamento do seu mundo de ideias e silêncios. Em desespero, em paz?

Ana Marques Gastão

NOTAS

* Antero de Quental, *Cartas* [1852-1891], 3 vols., leitura, org., pref. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009. Edições anteriores: *Cartas de Anthero de Quental*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915; *Cartas de Anthero de Quental*, pról. Teixeira de Carvalho, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921; Antero de Quental, *Cartas*, 2 vols., Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, org., introd. e notas de Ana Maria Almeida Martins, 1989.

1 Antero de Quental, *Fotobiografia*, Lisboa/Ponta Delgada, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2008.

2 Antero de Quental, *Cartas*, 2 vols., Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, org., introd. e notas de Ana Maria Almeida Martins, 1989. Esta edição reúne 704 epístolas, mais de 40 inéditas na altura.

3 Cf. nota de Ana Maria Almeida Martins (I, p. 450-1) salientando que só após a publicação de *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental* (introd., org. e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Braga, Faculdade de Filosofia, 1996), foi possível estabelecer a sequência lógica desta carta de 25 de Julho de 1875, à qual a apreciação ao artigo «Da Moral Religiosa entre os Gregos» pertence. A epístola, tal como surgia em *Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins* (publicação de Francisco de Assis de Oliveira Martins e pref. de Joaquim de Carvalho, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931), iniciava-se deste modo: «Agrada-me extremamente como quadro histórico», tal como figura no espólio do historiador.

4 Citados por Eça de Queirós em *Um Génio Que Era Um Santo*, Lisboa, Edições Ática, 2005, p. 9.

5 Cf. Ana Maria Almeida Martins, *Antero: Coisas do Coração*, sep. de *Congresso Anteriano Internacional — Actas*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1993, p. 423-37.

6 Cf. Antero de Quental, «A Bíblia da Humanidade de Michelet», *Filosofia*, org., introd. e notas de Joel Serrão, Ponta Delgada/Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1991, p. 11-25.

7 *Revista de Portugal*, vol. 2, n.os 8, 9 e 10, Jan., Fev. e Mar. 1890.

«UMA DATA EM CADA MÃO»

As horas deixam rasto
Que a arte da minha vida seja sempre
inspirada pela meditação
MARIA GABRIELA LLANSOL

Publicado em Outubro de 2009, decorrido pouco mais de um ano sobre a sua morte, *Uma Data em cada Mão. Livro de Horas I** é o primeiro volume de um conjunto de textos diarísticos inéditos que fazem parte do vasto espólio deixado por Maria Gabriela Llansol. A sua publicação constitui um primeiro passo na concretização do desejo manifestado pela autora nos últimos meses de vida a dois dos seus mais atentos «legentes», João Barrento e Maria Etelvina Santos, desejo que prontamente se converteu em projecto editorial que a escritora pôde ainda, em parte, acompanhar. Tratava-se, como explicam os dois organizadores na Introdução, de transcrever de um primeiro núcleo de setenta «cadernos de escrita» (aos quais viriam a acrescentar-se mais tarde outros seis), manuscritos, numerados e cronologicamente organizados, os textos diarísticos que deveriam integrar o livro que se seguiria a *Os Cantores de Leitura* (Assírio & Alvim, 2007) e ao qual (aos quais) Maria Gabriela Llansol tencionava dar «o título genérico de *Livro de Horas*» (o subtítulo, variável de volume para volume, ficaria a cargo dos organizadores). Por outras palavras, tratava-se de dar corpo ao livro que constituiria mais um «capítulo» ou fragmento desse Livro inacabado e inacabável, múltiplo e em permanente multiplicação ou devir que é o «Livro», em sentido mallarmeano ou blanchotiano, de Gabriela Llansol: um «livro único, que aparece publicado em lugares, datas, textos ou volumes diferentes» (p. 115), como ela própria sublinha.

O volume agora publicado, o primeiro desse *Livro de Horas «à venir»*, reúne os textos inéditos dos três primeiros cadernos e alguns registos avulsos escritos entre 1972 e 1976, em Lovaina e Jodoigne, incluindo reproduções de ilustrações, desenhos e esboços feitos pela escritora. Aparentemente, *Uma Data em cada Mão* não vem acrescentar nada de substancialmente novo ao projecto de escrita llansoliano construído (ou melhor, em construção) ao longo dos cerca de trinta volumes publicados em vida da escritora: nele se confirma a mesma escrita fragmentária e rizomática, conhecendo aqui uma amplitude e hibridismo de registos particularmente significativos, que vão do registo diarístico ao esboço narrativo, das notas e comentários de leitura a breves apontamentos do quotidiano, de tópicos e frases soltas a «cenas fulgor» ou momentos de intensa reverberação poética; nele